

UMA EXPERIÊNCIA TRANSDISCIPLINAR

CECILIA ALMEIDA SALLES
CENTRO DE ESTUDOS DE
CRÍTICA GENÉTICA
P U C / S P

RESUMO

O artigo apresenta um relato das atividades do Centro de Estudos de Crítica Genética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É dada ênfase a dois momentos decisivos do Centro: ampliação dos limites da crítica genética para além da literatura e busca por instrumentos teóricos de natureza geral.

RÉSUMÉ

Le lecteur trouvera ici un rapport des activités du Centre d'études en critique génétique de l'Université Catholique de São Paulo. Il y est souligné deux moments décisifs dans l'histoire du Centre: le débordement des frontières de la critique génétique limitées jusqu'à alors à la littérature et la recherche d'outils théoriques de nature générale.

ABSTRACT

The article presents a report of the activities of the Centre for Studies in Genetic Criticism of the Catholic University of São Paulo.

Two turning points of these activities are emphasized: the amplification/broadening of the limits of genetic criticism beyond the limits of literature and the search for theoretical instruments of general nature.

Com o objetivo de apresentar o estado da arte dos estudos genéticos no Brasil, estarei expondo, de modo mais específico, as atividades do Centro de Estudos de Crítica Genética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que venho coordenando desde sua formação, em agosto de 1993.

A história do Centro começa a partir da aglutinação de alguns pesquisadores de mestrado e doutorado, de campos de atuação diversos, que começaram a se interessar por essa área de conhecimento. A reunião desses estudiosos deu-se a partir de cursos de pós-graduação, que se propunham, a princípio, apresentar os resultados de um estudo de crítica genética de manuscritos de um escritor brasileiro. Essa pesquisa tinha como sustentação teórica a semiótica de linha peirceana.

As reuniões mensais para discussões teóricas e metodológicas transformaram-se, em pouco tempo, em encontros semanais e passaram a incluir contatos com artistas. Os dez participantes iniciais, hoje, já são trinta e dois.

Acredito que podemos distinguir dois momentos decisivos – *turning points* – na vida do Centro, que são de relevância para este relato. O primeiro foi a Exposição *Bastidores da Criação*, realizada em São Paulo, em maio de 1994. A mostra tinha dois objetivos bastante claros. Primeiro, mostrar manuscritos em sua diversidade de materializações. Queríamos apontar a importância de tratar os esboços de artes plásticas, contatos de fotografia, projetos e maquetes de arquitetura, desenhos preparatórios da cenografia, notações de música, roteiros de cinema, da mesma forma como os rascunhos de literaturas vinham sendo abordados pelo crítico genético. Queríamos mostrar que todos aqueles documentos eram manuscritos. Dialogávamos, desse modo, com a comunidade cien-

tífica da crítica genética, que tinha, até aquele momento, estudos basicamente sobre literatura.

Tínhamos, ainda, outro propósito, que era discutir a relevância dos estudos desses documentos. A mesa-redonda que abriu a exposição procurou mostrar a potencialidade científica que o material exposto oferecia. Não queríamos, portanto, que o interesse dos visitantes da exposição ficasse restrito à curiosidade de estarem próximos da mão dos artistas.

Assim, essa exposição foi o primeiro momento decisivo na definição do perfil do Centro de Estudos, que ampliava o conceito de manuscrito. Essa ampliação gerou, mais tarde, a necessidade de pensar em nova terminologia para designar esse material das diferentes manifestações artísticas. Fazer, continuamente, referência à ampliação do conceito passou a ser mais custoso, sob o ponto de vista científico, do que buscar no conceito de documentos de processo a amplitude de ação de que precisávamos. Partimos da constatação de que esses documentos, independentemente de sua materialidade, contêm sempre a idéia de registro. Há, por parte do artista, a necessidade de reter alguns elementos, que podem ser possíveis concretizações da obra ou auxiliares da concretização. Duas instâncias de registros são, portanto, observadas: experimentação e armazenamento.

De 1993 a 1995, as pesquisas começaram a ser desenvolvidas, e os primeiros trabalhos foram entregues ao público para avaliação, sob a forma de dissertações e teses. Como resultado dessa fase inicial, em 1995, publicamos um catálogo com o resumo de todas as pesquisas concluídas e aquelas em andamento.

Passávamos, agora, a nos preocupar não só com a continuidade das atividades do Centro internas à universidade, como também com a organização de eventos de divulgação do Centro e de suas pesquisas por meio de ciclos de palestras e debates sobre criação artística, envolvendo pesquisadores e artistas. Acreditamos que nossas pesquisas necessitam, além do diálogo científico, da troca de idéias com os artistas, que não fazem parte da estrutura acadêmica. Pois é do trabalho deles que falamos. Consideramos também relevante o contato com todos aqueles que se interessam pelo processo criador, independentemente de estarem envolvidos em pesquisas universitárias.

Em 1996, o Centro já estava reunindo pesquisadores de onze áreas, a saber: literatura, teatro, cinema, dança, artes plásticas, fotografia, vídeo, arquitetura, música, jornalismo e meios digitais. Estávamos, portanto, consolidando a experiência transdisciplinar que já se indiciava desde a fundação do Centro.

Três linhas de pesquisa firmaram-se ao longo desses anos. A primeira seria aquela dedicada aos estudos de documentos de processo nas áreas que acabei de mencionar. A segunda linha desenvolve pesquisas aplicadas que, no momento, visam transportar os resultados já obtidos pela crítica genética para a educação e terapia ocupacional. Venho considerando essa linha de pesquisa o espaço das reverberações da crítica genética, cuja definição vai se dar ao longo do tempo, sem nenhuma possibilidade de previsões.

A terceira linha de pesquisa é aquela dedicada à construção de instrumentos teóricos relativos ao ato criador. Gostaria de deter-me mais sobre essa linha, pois acredito estar, aqui, o que considero outro momento determinante na definição do perfil de nosso Centro de Estudos.

O quadro da diversidade de áreas, nas quais as pesquisas vêm sendo desenvolvidas, está estreitamente ligado à necessidade de desenvolver instrumentos teóricos de natureza geral. Acredito que a ampliação da diversidade das pesquisas tornou-se possível pelo acesso que os pesquisadores têm a essas ferramentas gerais. Por outro lado, só pudemos chegar a esses princípios gerais a partir das comparações entre os estudos de caso da crítica genética, e esses princípios estão sempre sendo colocados à prova diante desses dados.

A busca por instrumentos gerais, em que insiro minha pesquisa individual, foi aos poucos tomando corpo e direcionando-se à construção de uma possível teoria da criação de base semiótica. Esse projeto de ir ao encontro de princípios gerais, que caracterizam o ato criador, levou o Centro de Estudos de Crítica Genética a fazer uma inversão de perspectiva, que defino como o segundo *turning point* no desenvolvimento de nossas pesquisas.

Os estudos de caso, como se caracterizam as pesquisas de Crítica Genética que se dedicam à análise de documentos de processo de um artista específico, levam-nos necessariamente a conhecer melhor

um processo de criação. Tínhamos, portanto, no início de nossa história, a Crítica Genética gerando conhecimento sobre alguns processos. A metodologia do estudo de documentos era, naquele momento, mais geral do que os resultados singulares aos quais as pesquisas chegavam. Eram estudos específicos que caminhavam, necessariamente, para singularidades.

À medida que uma possível morfologia da criação é configurada, há uma clara inversão de perspectiva, como mencionei. A teorização passa, naturalmente, a ser mais geral do que os estudos de caso. De um certo modo, a metodologia dos estudos genéticos está a serviço de algo mais amplo que é a teorização sobre o processo criador. Quais as conseqüências da inversão?

Como já discuti na palestra que apresentei no ITEM em 1995, tendo em mãos essas ferramentas teóricas de natureza geral, que foram retiradas das singularidades, o estudo das singularidades ganhou no aprofundamento de seus resultados. Com eixos analíticos comuns e gerais, podemos chegar com maior acuidade às unicidades de cada artista ou cientista. São evitados, assim, os possíveis desvios de análise que o estudo de singularidades pode sofrer, na medida em que se pode encontrar o particular naquilo que, por vezes, nada mais é do que algo comum ao fazer artístico.

Ao mesmo tempo, esses mesmos eixos têm o poder de apontar para as especificidades de uma determinada linguagem (ou manifestação artística). Apesar de a ação de um cineasta ter características em comum com a de um pintor, por exemplo, há peculiaridades que fazem cinema ser cinema e pintura ser pintura.

Abre-se, por outro lado, a possibilidade de desenvolver pesquisas comparadas. Passamos a ter instrumentos de comparação e contraste, tanto no que diz respeito a diferentes autores de uma mesma expressão artística como a estudos comparados entre processos de artistas de diferentes áreas. Passou a ser possível, também, aquilo que chamei de reverberações dos estudos genéticos, na medida em que as generalidades atuam como instrumentos teóricos novos para lançar luzes sobre objetos de estudo, que vêm sendo observados através de outras lentes teóricas.

De modo semelhante, acredito que as discussões das relações entre ciência e arte encontram nessa teorização sobre processo

criador um campo bastante fértil, que ainda está por ser explorado. Tivemos um exemplo dessa potencialidade no seminário *Les archives de la création*, que reuniu pesquisadores franceses e brasileiros em agosto de 1997, em São Paulo. O espaço no qual essas relações começaram a ser apontadas foi a mesa-redonda *Les archives de la création – lettres, arts et sciences*.

No percurso da literatura para as artes em geral, e das artes para a ciência, a crítica genética está chegando ao conceito de processo de criação em sentido bastante amplo. Seja este concretizado na arte, na ciência, seja na sociedade como um todo.

Na verdade, o que estou querendo enfatizar é que discutir a morfologia da criação tem como pretensão oferecer mais do que um simples registro de um estudo, um modo de ação: tirar objetos do isolamento de análises e reintegrá-los em seu movimento natural. Aponta a relevância de observar fatos e fenômenos inseridos em seus processos. Uma abordagem em consonância com as interrogações contemporâneas. Como lembra Pierre-Marc de Biasi, em seu texto *L'Horizon Génétique*: “À l’horizon de ces investigations, on voit se profiler une convergence théorique qui pourrait bien se constituer un enjeu scientifique majeur pour le début du XXI^e siècle”.¹

Acredito que a inversão de perspectiva que acabo de descrever possa oferecer algo de extrema relevância para os estudos sobre a arte: a possibilidade de olhar para os fenômenos artísticos em uma perspectiva processual, colocando, assim, a Crítica Genética não só próxima mas em condições de estabelecer um diálogo, extremamente amplo, com outros campos da ciência atual, na medida em que oferece uma linguagem comum, a linguagem do movimento ou da metamorfose.

Este rápido relato sobre nosso Centro de Estudos exige, ainda, uma referência a algumas de suas perspectivas de atuação. O Centro tem como meta continuar a reunir pesquisadores de interesses diversos e oferecer condições para suas pesquisas individuais, visando a titulação; e estará dando continuidade ao desenvolvimento

1. BIASEI, Pierre-Marc (1993). “L’Horizon Génétique”. In: L. HAY (org.) *Les manuscrits des écrivains*. Paris, Hachette CNRS Editions.

de pesquisas coletivas, que se iniciou neste último ano. Como resultado desta primeira incursão às pesquisas que manifesta o pensamento de um grupo de pesquisadores, temos a publicação sobre documentos de processo – seus aspectos gerais e as singularidades das onze áreas nas quais vimos atuando.

Tentando evitar um tom demasiadamente passional, gostaria de enfatizar o caráter inédito dos resultados científicos dessa experiência interdisciplinar no campo da Crítica Genética.